

PIBID EM AÇÃO: PROJETO GEOGRAFIA E LEITURA – PORTA ABERTA PARA O MUNDO

Alex Maciel de Jesus Licenciando Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: a.maciell12@outlook.com

Aline dos Santos Lima* Doutora em Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: aline.lima@ifbaiano.edu.br

Emily Nascimento dos Santos Licencianda Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: semily.santos62@gmail.com

Leila Diana Teixeira Gomes Licenciada em Geografia. SEC-Jaguaquara. E-mail: leila_rute@hotmail.com

Marco Antônio Reis Rodrigues Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: marco.rodrigues@ifbaiano.edu.br

Naiara Silva de Carvalho Licencianda Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: naiara_silva2000@hotmail.com

Railan Brito de Almeida Licenciando Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: railanbrito1202@gmail.com

* Autor correspondente

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar e problematizar as ações do Projeto “Geografia e leitura – porta aberta para o mundo” realizado com estudante do Ensino Fundamental II da Escola Vincenzo Gasbarre (EVG), localizada na cidade de Jaguaquara-Bahia. O Projeto propunha a realização de diversas atividades capazes de promover um olhar diferenciado para disciplinas de Geografia e Português. As ações do Projeto, realizadas às segundas, terças e quartas-feiras, entre os meses de fevereiro e dezembro de 2019, eram organizadas em turno oposto as aulas regulares, pois foi pensada em consonância ao conceito de educação integral da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ou seja, foi gestado com o comprometimento da “construção intencional de processos educativos que provocam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes” (BRASIL, [201-], p. 13).

O Projeto em tela foi pensando e desenvolvido por discentes, do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) Campus Santa Inês, que são bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) através do Subprojeto Geografia, intitulado “Interlocuções entre a educação básica e a formação docente no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá: olhares sobre a realidade local”¹.

Considera-se a Geografia como uma ciência que estuda as relações no espaço de forma crítica. Portanto, esse campo do saber tem um vínculo estreito com a leitura, seja na construção de um mapa ou até mesma na configuração espacial do ambiente em que o sujeito está inserido. Desse modo, vale ressaltar, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental de Geografia, a disciplina Geografia tem “por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem” (BRASIL, 1998, p. 26).

Nessa perspectiva, a realização do Projeto “Geografia e leitura – porta aberta para o mundo” teve como intuito incentivar a prática da leitura com ênfase na Geografia, sobretudo com os estudantes que apresentavam maiores dificuldades no ato de ler/interpretar. Além disso, houve grande preocupação em promover atividades capazes de relacionar a vivência e o contexto dos educandos com as disciplinas Geografia-Português. Daí é importante registrar que, segundo os PCNs, ao “pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar”, lançando mão de diversas fontes de informação, como a leitura/literatura, músicas, filmes (BRASIL, 1998, p. 33).

Esta articulação favorece a construção de sujeitos críticos. Neste sentido, o ato de educar torna-se bastante complexo, pois, em concordância com Freire (1998), ensinar não é só transmitir conhecimentos, e sim possibilitar ao sujeito uma reflexão histórica do contexto social em que está inserido. Nesta perspectiva, a leitura desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é através dela que o indivíduo adquire as informações necessárias para argumentar e questionar os fatos que circundam o seu cotidiano.

Assim, o ato de ler deve ser integrado nas escolas de modo que apareça nos textos apresentados aos alunos em conexão com assuntos voltados as suas vivências, pois como tão bem afirma Freire (1998, p. 9):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Dessa forma, Freire (1998) deixa patente que a leitura tem o papel de auxiliar os educandos na reflexão social de suas situações e vivências, sendo que não podemos ignorar saberes anteriores advindos da base familiar e da cultura. Para Silva (2003, p. 41), “[...] ler não é repetir, traduzir, memorizar e/ou copiar ideias transmitidas pelos diferentes tipos de texto”, mas o resultado da interação entre o leitor, o autor e as leituras anteriores de ambos mediadas pelo contexto histórico-social.

Nesse ponto de vista, a escola deve trabalhar a leitura utilizando diferentes temáticas voltadas para os fatos cotidianos dos discentes, objetivando expandir as possibilidades para que os mesmos entendam verdadeiramente o contexto no qual estão inseridos, pois:

A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, nesse sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer (SOLÉ, 1998, p. 46 apud SILVA, 2014, p. 15).

Assim, é notório que na medida que esses indivíduos desenvolvem o hábito de ler, eles aprimoram a sua leitura de mundo, ampliam seus

¹ O Subprojeto Geografia com atuação no Campus Santa Inês – em conjunto com os Subprojetos de Química nos Campi Catu e Guanambi (Desenvolvimento dos saberes formativos para o Ensino de Química), Biologia no Campus Santa Inês (A pesquisa como princípio da prática pedagógica no ensino de Ciências: identificação de dificuldades no ensino/aprendizagem e a produção de alternativas de superação) e Ciências da Computação no Campus Senhor do Bonfim (Alternativas tecnológicas contribuindo com a aprendizagem na Educação Básica) – compõe o projeto institucional “Multirreferencialidade e inovação à docência: interlocuções entre Educação Básica e a Formação docente”/Edital CAPES 07/2018, executado em municípios do entorno dos Campi do IF Baiano ente 08/2018 e 01/2020.

conhecimentos e aumentam a capacidade de entender os fenômenos abstratos existentes em sua realidade – o que foi observado com os estudantes da EVG como tentaremos abordar, assim como com os estudantes que participaram do Projeto Formando Leitores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Xavier Júnior, na cidade de Bananeiras-PB (SILVA, 2014).

Vale ressaltar que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), mais especificamente no Artigo 32º, caracteriza o Ensino Fundamental, cujo objetivo é formação básica do cidadão mediante, dentre outros, “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (BRASIL, 1996). Nesse seguimento, a LDB deixa claro como deve ser gerido o processo de ensino-aprendizagem nas turmas de Ensino Fundamental, ficando evidente a importância que a leitura e a escrita exercem no desenvolvimento do sujeito, especialmente por favorecer a formação de indivíduos questionadores.

Todos esses aspectos são extremamente relevantes, sobretudo para uma unidade escolar que tem como missão, em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), “assegurar a formação de cidadãos críticos, capazes de interferir positivamente nos rumos da sociedade através de um ensino de qualidade mediante compromisso e participação da equipe. Valores: credibilidade, ética, participação e compromisso social” (PPP, 2016 *apud* SILVA, 2019, p. 7).

DESENVOLVIMENTO

Mapeando a Escola Vincenzo Gasbarre

A Escola Vincenzo Gasbarre, situada na cidade baiana de Jaguaquara², é uma entidade pública e municipal localizada no bairro periférico de São Jorge. A Escola, cujo nome é uma homenagem a um imigrante italiano, foi fundada em março de 1983. Entre a fundação e o ano 2000, quando a sede foi concluída, a Escola funcionou em diferentes locais, a exemplo de salas vazias no prédio da unidade de saúde da comunidade, em casas alugadas e ainda em igrejas (SANTOS, 2019).

No ano letivo 2019, a Escola serviu a comunidade com a seguinte infraestrutura: 9 salas de aula – basicamente com mesa/cadeira para os alunos e professores (de modo geral, em péssimo estado de conservação) e quadro branco/piloto, ou seja, sem quaisquer outros materiais que auxiliassem nas atividades em sala. Além de outras pequenas salas onde funcionavam os serviços de direção, secretaria e coordenação pedagógica; sala de vídeo; almoxarifado; cozinha; quadra de esportes; e sala para professores que funciona, também, como uma biblioteca improvisada para os estudantes, mas com um número reduzido de exemplares.

Em relação à estrutura física da instituição, é possível afirmar que os ambientes são bem iluminados e pintados em cor clara, mas não são arejados, além de desgastados pela ação do tempo e com dimensões aquém do necessário para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. Esse quadro compromete a qualidade do ensino e se coloca como um grande entrave. Mesmo assim, ficou notório que se trata de ambiente acolhedor, tanto nos documentos institucionais – PPP com seus valores e missão –, quanto nas relações interpessoais, que expressam a tentativa de construir uma escola que valoriza as diferenças e promove a cooperação e a autonomia.

Em 2019, a EVG contava com 35 professores e 25 funcionários para atender as demandas dos 871 alunos matriculados em 25 Turmas distribuídas nas etapas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Fundamental II, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Turmas da EVG no ano letivo 2019 nos três turnos de funcionamento.

FONTE: Santos (2019); Silva (2019). ELABORAÇÃO: Aline dos Santos Lima.

Matutino		Vespertino		Noturno	
Turma	Nº alunos	Turma	Nº alunos	Turma	Nº alunos
5º A	33	5º C	32	Multisseriado	51
5º B	31	6ºC	35	Tempo Juv.3 A	31
6º A	37	6ºD	36	Tempo Juv.3 B	30
6º B	38	6ºE	35	Tempo Juv.4 A	44
7º A	37	7ºC	31	Eixo IV 3 A	33
7º B	35	7ºD	31	Eixo IV 3 B	29
8º A	29	8ºC	32	Eixo V 3 A	42
8º B	31	9ºB	37	Eixo V 3 B	39
9º A	32	--	--	--	--
Total	303	Total	269	Total	299

A participação dos licenciandos do IF Baiano na EGV – na condição de bolsistas do Pibid, portanto, com o papel de criar e participar “em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador” (BRASIL, 2018) – foi permeada de limitações, não fosse a hercúleo trabalho dos servidores públicos, especialmente os professores. Como foi observado, estes últimos demonstraram buscar as melhores formas para mediar o processo de construção do conhecimento, tanto através do estímulo ao potencial artístico dos estudantes (apresentações e construção de salas temáticas), quanto na elaboração de jogos e atividades lúdicas – estratégias que tentam “fugir” do modelo convencional de ensino e que favorecem a interação entre os alunos que representam as classes populares e ocupam as periferias da cidade.

Pibidianos em Ação: Construindo o Projeto Geografia e Leitura

O Projeto “Geografia e leitura – porta aberta para o mundo”, foi o resultado da observação e da ação dos professores de Geografia em formação que estão vinculados ao Pibid, com o apoio da professora supervisora e da coordenação de área³. Contudo, o suporte para a realização do Projeto não se limitou as figuras responsáveis pelo Pibid/Subprojeto Geografia na unidade escolar. Na Escola Vincenzo Gasbarre, toda comunidade escolar apoiou a iniciativa e sua execução.

Assim, na medida em que os pibidianos, como são chamados os discentes de curso de licenciatura que fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, notaram que muitos estudantes da EVG apresentavam dificuldades para interpretar os conteúdos abordados nas aulas de Geografia, a ideia de construção de um projeto interdisciplinar surgiu. Inicialmente, o grupo de licenciados realizou uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Em seguida, os professores de Geografia e Língua Portuguesa das Turmas de 6º ano, através de avaliações diagnósticas/desempenho, selecionaram os estudantes que apresentavam os maiores níveis de dificuldades em leitura, escrita e interpretação textual.

Os estudantes foram convidados a integrar o projeto que estava sendo, simultaneamente, gestado e executado. No primeiro momento, foi realizada uma reunião com o objetivo de traçar os primeiros passos a serem realizados para dar início as atividades.

² O município de Jaguaquara, juntamente com outros 19 entes federativos, faz parte do recorte especial denominado Território de Identidade Vale do Jiquiriçá – forma de regionalizar o estado da Bahia desde 2007.

³ Professora supervisora e coordenação de área são, respectivamente, as figuras responsáveis por acompanhar o discente (licenciando em formação) na escola básica e docente da instituição de ensino superior que coordenada a área do subprojeto (BRASIL, 2018).

Posteriormente, numa aula de Geografia, os pibidianos realizaram uma apresentação de fantoches para mostrar a importância do ato de ler e interpretar em todas as disciplinas escolares. Assim, para além de uma simples aula cuja mensagem foi a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem, esse momento contou com a participação de outros docentes que estavam presente na escola promovendo a interdisciplinaridade no âmbito educacional.

Com a anuência da direção/equipe pedagógica, foi reservada uma sala para os pibidianos. Nesta, os professores em formação organizaram/produziram as ações do Projeto, tais como: atividades lúdicas, dinâmicas educativas, jogos didáticos, leituras coletivas e produções textuais. Tudo isso com a finalidade de incentivar e estimular os estudantes a assumir o hábito de ler, amenizando, assim, as dificuldades apresentadas por eles.

As atividades desenvolvidas pelos pibidianos com os estudantes da EVG, sempre em turno oposto as aulas regulares, eram as mais diversificadas como, por exemplo, mediante leituras coletivas, ditados de palavras, montagem de quebra-cabeças, revisão de textos, treinamento da ortografia, confecção de cartazes, jogos didáticos, entre outros (Figura 1). Não é demasiado lembrar que a implementação de projetos de leitura é considerada por Silva (2014) como uma inovação metodológica que converte o espaço escolar em um lugar mais atrativo e capaz de promover uma formação de conhecimento mais eficaz e mais coerente.

Figura 1 - Atividades do Projeto Geografia e Leitura.

FONTE: PIBID Geografia (2019). AUTORES: Emily Nascimento dos Santos; Railan Brito de Almeida.

1a - Leitura coletiva geográfica



1b - Montagem de quebra-cabeça



Em todas as atividades, prevalecia a ênfase no modo de pensar geográfico. Esse modo de pensar ou raciocínio geográfico consiste em ensinar Geografia “por meio de temas e conteúdos (fatos, fenômenos, informações)” amparado por “um conjunto de categorias, conceitos e teorias sobre o espaço e sobre a relação da sociedade com o espaço” (CAVALCANTI, 2010, p. 7).

Reflexões sobre o Projeto “Geografia e Leitura – Porta aberta para o mundo”

O projeto “Geografia e leitura – porta aberta para o mundo” teve como intuito contribuir o desenvolvimento do hábito de ler e fazer interpretação textual, principalmente, aqueles relacionados a disciplina Geografia. As ações, além de contribuir para a melhor qualidade nas aulas de Geografia e Língua Portuguesa, auxiliaram no desempenho dos sujeitos como um todo, seja no seu desenvolvimento cognitivo ou sua construção como ser social. É importante ressaltar que o Projeto foi concebido e desenvolvido por futuros docentes da disciplina de Geografia. Logo, teve como foco atribuir um melhor entendimento aos conhecimentos geográficos e, conseqüentemente, aproximar os estudantes desta disciplina que, muitas vezes, foi tratada como simplória e enfadonha (LACOSTE, 1989).

Mediante as ações executadas, foi possível visualizar nos estudantes um avanço no que tange a prática da leitura e da escrita, sem contar a percepção de que alguns conseguiram “ler” a complexidade do espaço geográfico a partir do seu município manifestada em suas diferentes formas. Neste sentido, Holanda et. al. (2013, p. 4) afirmam que:

A leitura transforma o ser humano e o faz modificar o espaço no qual está inserido. Nesse sentido a leitura ultrapassa a ação de decodificar o código linguístico e na verdade a habilidade de compreender, compreender o mundo e os acontecimentos ocorridos nele, no seu sentido total se adequando a esses movimentos.

Outro ponto que mereceu destaque foi a participação e o maior interesse dos estudantes nas aulas/atividades na/da disciplina Geografia. Identificou-se, ainda, o envolvimento dos mais tímidos no gosto pela participação da leitura coletiva – o que, no início do Projeto, era sempre negado. Observação semelhante foi feita por Silva (2014) com alunos do Ensino Fundamental I matriculados na Escola Xavier Júnior, pois, segundo a pesquisadora, a realização de “pesquisas, implementação de projetos de leitura, leitura em casa, rodas de leitura” estimulam “a autoestima de cada leitor” (SILVA, 2014, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato diário com os estudantes e a sala de aula é o principal aspecto possibilitado pelo Pibid. Tal experiência incitou a construção de uma estratégia que permitisse sanar um dos principais entraves enfrentados na escola básica pública: a dificuldade na leitura e na interpretação de textos. Identificar esse problema ainda durante a graduação/licenciatura só foi possível graças a existência de uma política pública que permite pensar o ensino, conhecer os sujeitos envolvidos em cada segmento da escola e trocar experiências – situações nem sempre viabilizadas durante o Estágio Supervisionado, já que é preciso seguir uma ementa e tarefas inerentes ao componente.

Nesses termos, o Pibid tem grande mérito, pois ao “inserir licenciandos no cotidiano de escolas” e mobilizar os professores da educação básica como “coformadores dos futuros docentes” (BRASIL, 2018) contribui para a qualidade do “chão” da escola. Fazer isso à luz da Geografia é ainda mais enriquecedor pela sua própria natureza de “área de co-